



A Pastorícia em Montesinho

Amélia Frazão-Moreira
José Castro
João Amieira
Isa Aleixo-Pais
João Paulo Castro
Marina Castro



Título

A Pastorícia em Montesinho

Autores

Amélia Frazão-Moreira, José Castro, João Amieira, Isa Aleixo-Pais, João Paulo Castro, Marina Castro

Editores

CIMO-IPB e CRIA

Design gráfico

Tiago Ribeiro

Fotografias

As fotografias são da autoria dos investigadores do projeto PASTOpraxis: José Castro, Amélia Frazão-Moreira, Isa Aleixo-Pais, João Amieira, Ana Carolina Oliveira, Amanda Marcos e Vítor Seripieri.

Financiamento

O projeto PASTOpraxis (FCT-MTS/CAC/0028/2020) beneficiou de um financiamento nacional pela FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) no âmbito do concurso para Projetos de IC&DT para a promoção de atividades na região do Parque Natural de Montesinho.

Citação recomendada

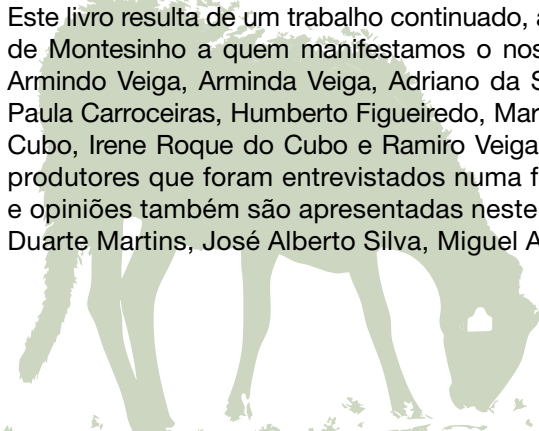
Frazão-Moreira, A., Castro, J., Amieira, J., Aleixo-Pais, I., Castro, J.P. e Castro, M. (2025) A Pastorícia em Montesinho, Lisboa: CIMO-IPB e CRIA.

ISBN: 978-989-35508-5-4

Autorizada a reprodução parcial ou total deste documento sem prévia autorização dos autores apenas para fins educativos e não comerciais e com a devida indicação da fonte.

Agradecimentos

Este livro resulta de um trabalho continuado, ao longo de três anos, com produtores de Montesinho a quem manifestamos o nosso enorme agradecimento. São eles: Armindo Veiga, Arminda Veiga, Adriano da Silva, Vera da Silva, João Carroceiras, Paula Carroceiras, Humberto Figueiredo, Marina Lopes Figueiredo, Manuel João do Cubo, Irene Roque do Cubo e Ramiro Veiga Pires. Agradecemos igualmente aos produtores que foram entrevistados numa fase final do projeto e cujas vivências e opiniões também são apresentadas neste livro: André Rodrigues, Antero Alves, Duarte Martins, José Alberto Silva, Miguel Afonso e Pedro Ferreira.



Adriano da Silva



Humberto Figueiredo



Armindo Veiga



João Carroceiras



Apresentação

Do livro e do projeto

Montesinho

Um território de montanha

A História

Agora mudou tudo

O pastoreio

O gado faz muita falta em todo o lado

A pastorícia como modo de vida

Abraçar uma vida mais próxima da natureza

Manuel João do Cubo



Ramiro Veiga Pires





Do livro e do projeto

Este livro tem como objetivo descrever a atividade pastoril de pequenos ruminantes em Montesinho através das experiências dos pastores e pastoras que aí habitam e percorrem diariamente o território para pastorear os seus gados.

O livro surge no âmbito do projeto de investigação PASTOpraxis que investigou a adaptação local da pastorícia às alterações climáticas no Parque Natural de Montesinho (PNM). A sua equipa interdisciplinar integrou investigadores das ciências agrárias, ciências biológicas e da antropologia ambiental, com vista à união de forças em prol de uma melhor compreensão desta atividade que constitui uma malha complexa, tecida por dinâmicas socioculturais, económicas, políticas e ecológicas. Desta forma, este projeto de investigação teve como objetivos entender as respostas adaptativas - biofísicas, culturais e ecológicas - da pastorícia de raças autóctones de ovinos e caprinos às alterações climáticas, bem como construir uma base de conhecimento que integre os conhecimentos ecológicos locais e os conhecimentos científicos de modo a melhorar a adaptação nas zonas de montanha do Mediterrâneo.

A atividade pastoril que aqui descreveremos baseia-se num sistema inteligente de uso do território em que o conhecimento local é absolutamente fundamental. O pastoreio de pequenos ruminantes praticado nas serras de Coroa e Montesinho, define-se como pastoreio de percurso, isto é, um sistema itinerante em que o rebanho percorre uma complexa rede de circuitos com periodicidade variável, na procura da melhor ementa que o território pode oferecer, num determinado período do ano. Com base no saber experiencial, o pastor organiza o percurso de pastoreio, considerando, por um lado, os locais disponíveis onde pode levar o gado, e, por outro, as necessidades do bem-estar do rebanho.

Neste livro apresentamos as vozes e realidades daqueles que com grande generosidade e paciência partilharam os seus dias e percursos, bem como as suas histórias de vida. Os produtores que colaboraram neste projeto são os primeiros conhecedores da história e das dinâmicas da paisagem que aqui apresentamos e, por isso, importa realçar as suas experiências de forma a contribuir para um diálogo mais completo e, como tal, mais democrático, sobre a realidade e natureza das terras transmontanas do PNM.

Nesta região, a pastorícia proporciona um sentido de identidade para as comunidades locais, preenche um papel importante na economia local, confere segurança alimentar e contribui para a gestão da paisagem, como é exemplo o seu impacto na manutenção da biodiversidade e na prevenção do risco de incêndios. Permite uma vivência integrada no território, como se observa no caso da produção sustentável de produtos alimentares, ou na gestão do bem-estar animal face à variação das condições meteorológicas, mas também na preservação do conhecimento ecológico e do património cultural.

No entanto, a atividade pastoril, aqui como noutras regiões do mundo, está particularmente exposta às alterações climáticas e ecológicas, o que ameaça a sua viabilidade e a própria subsistência de quem dela vive. Embora a história da pastorícia, ao longo dos tempos, seja uma história de adaptações a fim de superar as incertezas das dinâmicas ambientais e sociopolíticas, aos olhos dos pastores e pastoras desta região, o seu futuro é perpassado por incertezas. Importa assim partilhar as suas preocupações e saberes, procurando contribuir para um melhor entendimento dos constrangimentos e oportunidades a que se assiste, numa perspetiva de os comunicar aos decisores políticos e à sociedade em geral.

O sistema de pastoreio de percurso é um caminho para se compreender como é que as sociedades humanas têm assistido e lidado com as mudanças rápidas que transformam os lugares e que fazem emergir novas realidades. Histórias surpreendentes surgem aqui como pistas para compreender os mundos em transformação que se encontram por meio destes intrincados e complexos territórios, a partir de um olhar decorrente dos caminhos percorridos diariamente por pastores com os seus gados e cães de guarda e de pastoreio.

Não obstante o foco localizado a que nos propomos, as questões de que falamos são comparáveis e têm ligações com as realidades de outras regiões de montanhas europeias e mediterrânicas. O que aqui apresentamos não está longe das realidades que noutros pontos se vivem, pois que entrelaçadas estão pelas histórias do abandono rural, das alterações climáticas, ou até do lazer na natureza como atividade emergente. Esta história é por isso não só uma conversa sobre os resultados das políticas e das interações entre comunidades rurais e ambiente, mas também da sua poética, daquilo que inspiram e que permitem, das peripécias que contam e das novidades que produzem.



Um território de montanha

As regiões montanhosas são frequentemente caracterizadas por condições climáticas adversas e solos menos férteis (limitações edáficas), o que as distingue das terras das regiões mais baixas e menos periféricas. Historicamente, esses fatores contribuíram para o isolamento das montanhas, tornando-as menos adequadas para uma agricultura comercial. Contudo, esse isolamento preservou a sua integridade ecológica, promovendo ecossistemas únicos, menos perturbados em comparação com os de outras regiões. Estas circunstâncias tornam os ecossistemas das regiões de montanha importantes repositórios de biodiversidade, cruciais para a provisão de água potável, e significativas na produção de alimentos de forma sustentável, relevante para a integridade de todo o Planeta.

Embora menos produtivas em termos agrícolas, seja pela sua extensão, seja pela sua integridade, estas áreas sustentam uma ampla gama de formas de vida. O relevo acidentado das montanhas origina um mosaico de ecossistemas que responde às variações de altitude, posição topográfica, declive, ou exposição solar. São mosaicos com gradientes ambientais acentuados, coexistindo múltiplos biomas em contextos espacialmente limitados. Esta diversidade ecológica e a sua circunstância remota faz com que hoje as montanhas sejam importantes como abrigo de muitas espécies endêmicas e ameaçadas de extinção.

Com as limitações da montanha impostas à atividade agrícola, ganharam importância as alternativas de aproveitamento dos recursos disponíveis, com destaque para a pastorícia. Esta prática desempenhou um papel essencial na ocupação de regiões remotas, possibilitando a vida de modo sustentável, sem a necessidade de grandes infraestruturas ou mudanças significativas no uso do

solo. Ao conduzir os rebanhos pelas diferentes altitudes e em harmonia com os ciclos diários e sazonais da vegetação, os pastores acentuaram os mosaicos dinâmicos das suas paisagens. São mosaicos que combinam habitats naturais e seminaturais, enriquecendo a biodiversidade e destacando a interação equilibrada entre os humanos e o ambiente montanhoso.

Dos diferentes regimes de interação das práticas da pastorícia com a vegetação natural e seminatural - consumo, pisoteio, queimadas, remoção de lenhas - resultaram padrões paisagísticos únicos. São padrões que combinam trechos quase intocados de vegetação natural com áreas modificadas pelas atividades dos animais. Esta combinação específica de tipos de vegetação suporta uma variedade de vida selvagem, sustentando, ao mesmo tempo, as raças locais de ruminantes adaptadas à respetiva montanha.

As serras do interior norte de Portugal, nas quais se integra o PNM, refletem esta vivência humana num ambiente de montanha. A orografia acidentada, os solos pouco férteis e as condições climáticas adversas limitam a prática de uma agricultura intensiva, favorecendo a preservação de práticas tradicionais.

O isolamento geográfico, aliado às dificuldades de acesso a mercados e tecnologias modernas, consolidaram a pastorícia como uma das atividades dominantes, especialmente a criação de ovinos e caprinos, adaptados às condições locais. Esta atividade não só garantiu a subsistência humana, como acautelou a sustentabilidade ambiental ao controlar a vegetação, preservar a biodiversidade e evitar incêndios.

Tal como na generalidade da região mediterrânica, as condições socioculturais e ecológicas em Montesinho são fruto de séculos de uma interação entre humanidade e território, que ocorreu maioritariamente por meio do sistema de produção agro-silvopastoril. Este integra a agricultura, a floresta e a pastorícia com dinâmicas ligeiramente diferentes em cada lugar, mas que em uníssono contam a história dos mosaicos espaciais e camadas temporais da paisagem agrária a que hoje assistimos.

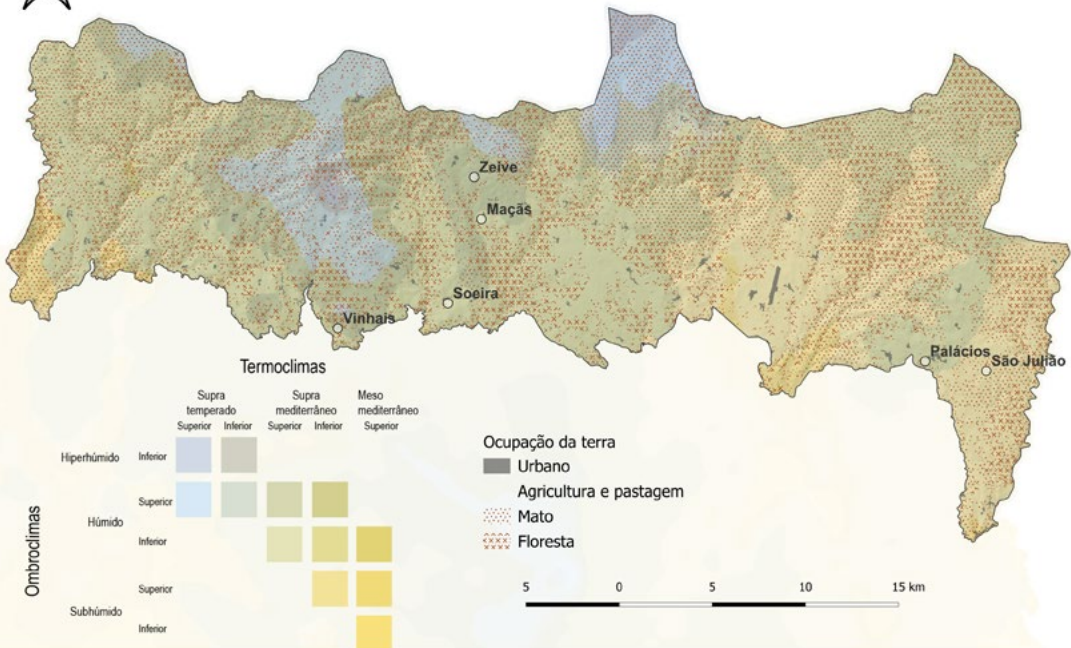


As condições naturais de Montesinho limitam significativamente a produtividade agrícola. Os solos da região são, na sua maioria, leptosolos (89%), pobres e pedregosos como é comum em áreas montanhosas. O declive das encostas torna inviável a mecanização generalizada, restringindo as opções agrícolas a culturas de pequena escala, muitas vezes destinadas ao consumo local. Por outro lado, a altitude e o clima rigoroso também condicionam as possibilidades de cultivo. Invernos longos e frios, com frequentes geadas, e verões secos e curtos criam um ambiente pouco favorável para uma agricultura mais produtiva. Estas condições contrastam com a abundância de pastagens naturais - os *lameiros* - que se estendem pelos vales e sobem as encostas providas pelos sistemas tradicionais de irrigação, a rega de lima. Estas pastagens são a base alimentar do gado bovino e ovino, enquanto as áreas florestais e as fragas permitem o pastoreio do gado caprino, viabilizando a pastorícia de grande valor económico e patrimonial. Assim, enquanto a agricultura anual tem limitações importantes, a pastorícia destaca-se como uma das principais atividades económicas locais, juntamente com a crescente produção de castanha.

A comunidade pastoril que aqui se apresenta desenvolve a sua atividade nas Serras de Coroa e Montesinho, integrantes da designada região natural da Terra Fria Transmontana.



PARQUE NATURAL DE MONTESINHO



O Parque Natural de Montesinho foi criado em 1979, afirmando a necessidade de preservação da riqueza cultural e ecológica que permanece neste território. Nas últimas décadas têm tido influência no PNM, iniciativas tecidas em processos de escala global, como a patrimonialização, quer das tradições locais, de que são exemplos as Festas de Inverno e o Carnaval de Podence, quer de afirmação do valor natural das paisagens, absorvido pela indústria do turismo. Mas também as ações no âmbito da política económica europeia, como as medidas agroambientais que suportam as atividades agropastoris.

Parque Natural de Montesinho (PNM)

Área - 74 225 ha

Altitude - de 445 a 1487m
(mediana 813 m)

Mapeamento climático e da ocupação da terra do Parque Natural de Montesinho com locais onde incidiu a pesquisa no projeto PASTOpraxis



ASPETOS NATURAIS IMPORTANTES

Fauna¹

Mamíferos	Aves	Anfíbios e Répteis	Peixes
50 espécies	160 espécies	31 espécies	8 espécies autóctones
Exemplos			
lobo <i>Canis lupus</i>	águia-real <i>Aquila chrysaetos</i>	rã-ibérica <i>Rana iberica</i>	truta-de-rio <i>Salmo trutta</i>
veado <i>Cervus elaphus</i>	cegonha-preta <i>Ciconia nigra</i>	tritão-de-ventre-laranja <i>Lissotriton boscai</i>	panjorca <i>Achondrostoma arcasii</i>
corço <i>Capreolus capreolus</i>	tartaranhão-azulado <i>Circus cyaneus</i>	tritão-marmoreado <i>Triturus marmoratus</i>	verdemã-do-norte <i>Cobitis calderoni</i>
toupeira-de-água <i>Galemys pyrenaicus</i>	picanço-de-dorso-ruivo <i>Lanius collurio</i>	víbora-cornuda <i>Vipera latastei</i>	escalo-do-norte <i>Squalius carolitertii</i>
gato-bravo <i>Felis silvestris</i>	melro-das-rochas <i>Monticola saxatilis</i>	lagarto-de-água <i>Lacerta schreiberi</i>	bordalo <i>Squalius albumoides</i>

Vegetação²

Habitats com grande importância florística

Bosques autóctones de carvalho-negral	Bosques autóctones de azinheira	Bosques autóctones ripícolas	Turfeiras e cervunais	Flora ultrabásica presente nos respetivos afloramentos
<i>Touças /carvalhais</i>	<i>Sardoais</i>			
Exemplos de espécies				
carvalho, carvalho-negral <i>Quercus pyrenaica</i>	sardão, carrasco, azinheira <i>Quercus rotundifolia</i>	freixo <i>Fraxinus angustifolia</i>	cervum <i>Nardus stricta</i>	arméria-de-bragança <i>Armeria eriophylla</i>
		azevinho <i>Ilex aquifolium</i>	margarixa <i>Erica tetralix</i>	aveia-perene-transmontana <i>Avenula pratensis</i> ssp. <i>lusitanica</i>

¹Natural.PT (2024) Parque Natural de Montesinho [online] <https://natural.pt/protected-areas/parque-natural-montesinho?locale=pt>

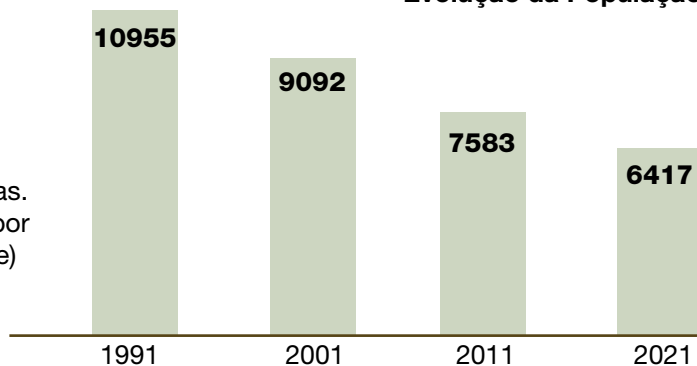
²Apresenta-se informação com base nos elementos do site do Natural.PT anteriormente citado, aos quais se acrescentaram os termos locais recolhidos no âmbito do projeto PASTOpraxis.

POPULAÇÃO

**População³ 2021 – 4676 habitantes
2309 homens / 2367 mulheres**

> 65 anos	2267
25 - 65 anos	1956
15 - 25 anos	236
< 15 anos	217

Evolução da População



Localidades - 82 aldeias.
Número de residentes por
aldeia entre 1 (Sernande)
e 219 (Baçal), mediana
de 59 residentes

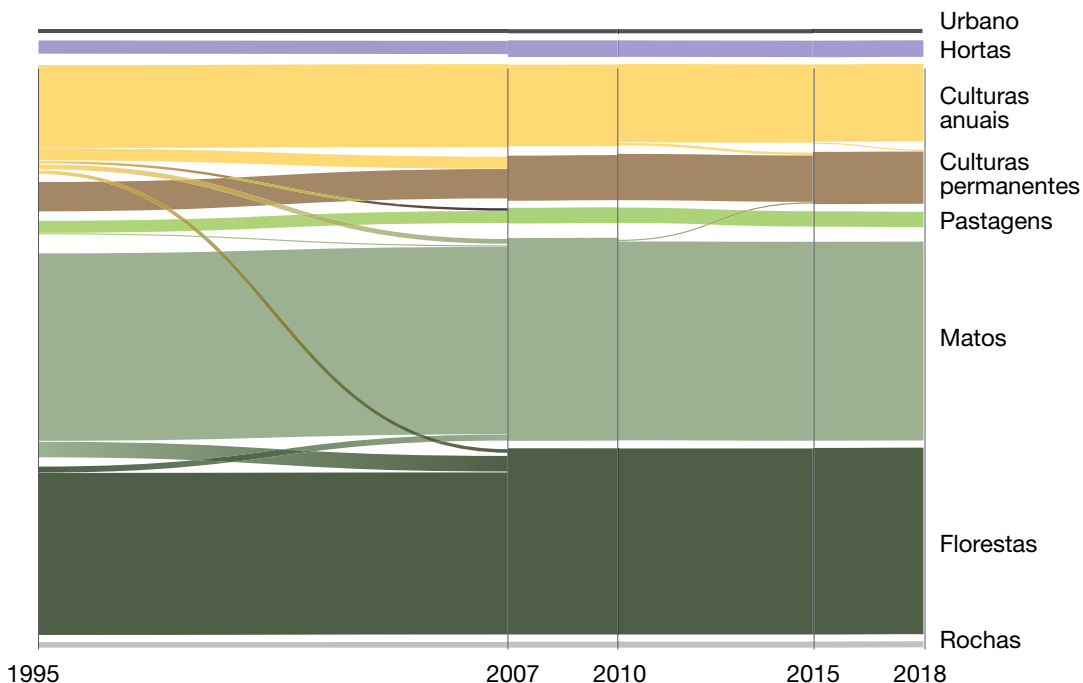
Efetivos ruminantes⁴

1989	1999		2009	2019
5265	3911	Bovinos	2904	2840
25168	24183	Ovinos	21632	20001
2885	1358	Caprinos	967	687

³Dados referentes à população retirados dos Recenseamentos Gerais da População de 1991, 2001, 2011 e 2021 – INE (Instituto Nacional de Estatística). Apresentam-se os dados referentes a todas as freguesias rurais abrangidas pelo PNM.

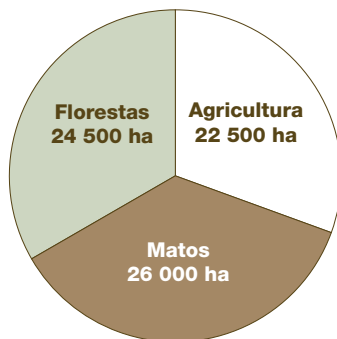
⁴Dados retirados dos Recenseamentos Agrícolas de 1989, 1999, 2009 e 2019 – INE (Instituto Nacional de Estatística). Dados referentes às freguesias rurais maioritariamente abrangidas pelo PNM.

OCUPAÇÃO DO SOLO



Transformação do uso e ocupação da terra no PNM, de acordo com as Cartas da Ocupação do Solo (DGT)

Ocupação do solo 2019⁵



⁵Direção-Geral do Território. (2019). Carta de Uso e Ocupação do Solo de Portugal Continental para 1995, 2007, 2010, 2015 e 2018. [online] <https://www.dgterritorio.gov.pt/cartografia/cartografia-tematica/cos>



A região tem enfrentado um forte despovoamento e abandono rural desde a década de 1960 e a população do PNM tem sido afetada por um crescente envelhecimento.

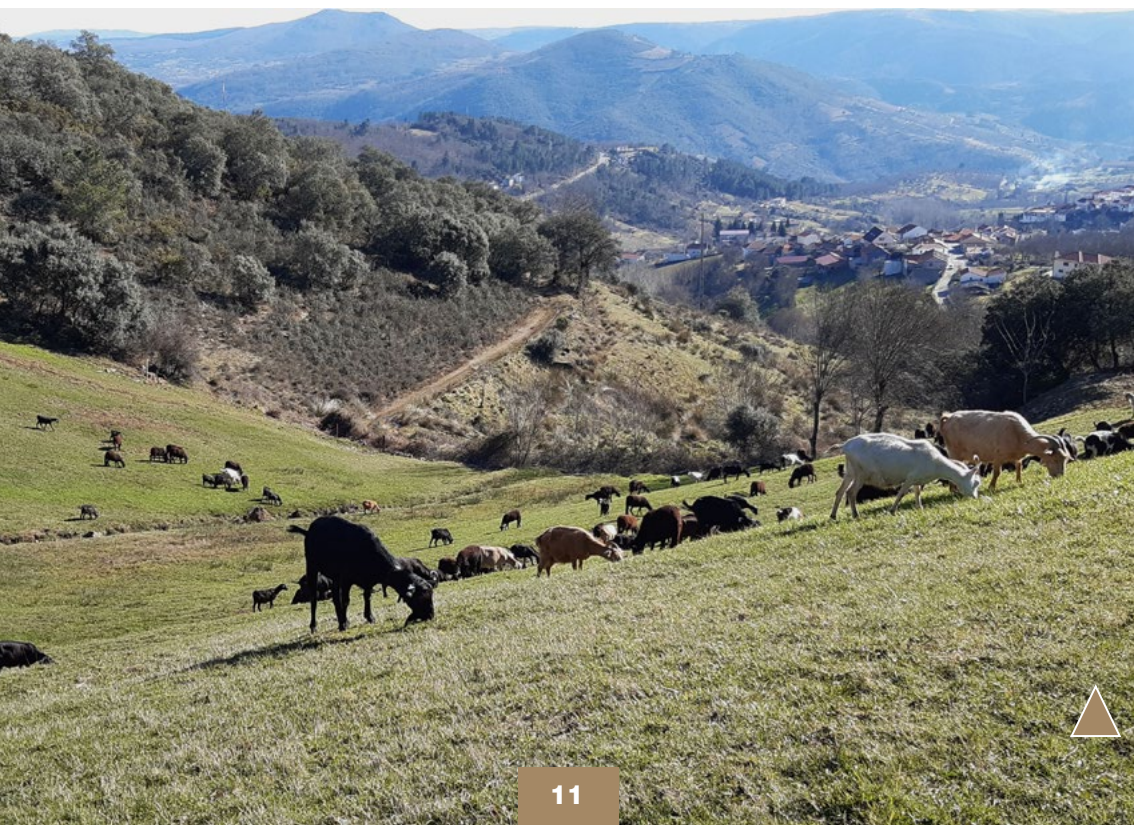
Entre 1995 e 2021, as áreas pastoreadas sofreram transformações significativas, tanto na sua matriz agrícola quanto na florestal. A matriz agrícola sofreu uma acentuada redução das áreas dedicadas à agricultura anual de sequeiro (-53%), ocupadas agora por soutos (plantações de castanheiros, 41%), devido à valorização da castanha, e por olivais (3%). Estas alterações não só mudaram o perfil agrícola, mas também representam uma transição para atividades de maior valor de mercado, ainda que requeiram estratégias de gestão para evitar a dependência económica excessiva de um único produto e o alargamento descontrolado da área arborizada com os inerentes problemas de perda da biodiversidade e de aumento do risco de incêndio.

Na matriz florestal, a redução da pressão sobre a vegetação natural e seminatural favoreceu a regeneração da floresta nativa, resultando no aumento de áreas de carvalhais (18%) e giestais (30%). Esses processos demonstram uma tendência para a renaturalização associada ao declínio da presença humana direta. No entanto, tal evolução coloca desafios, como a gestão de combustíveis lenhosos que alimentam incêndios, sobretudo num contexto de alterações climáticas.

As alterações climáticas representam um dos maiores desafios para o futuro das regiões de montanha, com impacto na sua economia, nomeadamente na vertente relacionada com a pastorícia. Pela sua situação no encontro das biogeografias Mediterrânica e Eurosiberiana, as alterações climáticas no PNM têm, como veremos

(capítulo 4), consequências nesta atividade, determinante para a sustentabilidade do Parque. Por outro lado, vem aumentando o risco de incêndio pelos verões mais quentes e secos que tornam as áreas de matos e florestas mais suscetíveis ao fogo. A pastorícia contribui para o controle dos matos como combustível que alimenta os incêndios rurais; a redução dos rebanhos, assim como o abandono das práticas tradicionais, contribui para um maior risco de incêndio e menor capacidade de recuperação dos ecossistemas.

No entanto, face às ameaças inerentes às alterações climáticas, a complexidade dos ecossistemas montanhosos oferece um potencial de resiliência. A diversidade de mosaicos de vegetação e de raças autóctones são uma garantia para que estes ecossistemas se possam adaptar dentro de níveis limitados de perturbação. As práticas humanas que respeitem e preservem essa diversidade são cruciais para manter o equilíbrio ecológico. No PNM, o despovoamento rural e as condições climáticas adversas estão a dificultar a fixação e a atração das gerações jovens. Sem apoio adequado, os jovens enfrentam dificuldades crescentes para permanecerem em Montesinho e optarem por modos de vida em continuidade com o passado.





Agora mudou tudo

O contexto social da região é marcado pelo abandono e envelhecimento da população e influenciado pelo isolamento geográfico fomentado pelas limitações biofísicas da montanha mediterrânica, frio no inverno, falta de água no verão, solos por vezes pouco férteis e de difícil acesso, o que, conjuntamente com a pequena dimensão da propriedade, impediu, como referimos, a entrada de empreendimentos associados com práticas da agricultura mais intensiva, durante grande parte da segunda metade do século XX. A falta de gente nas aldeias e nos campos e a falta de oportunidades na agricultura e pastorícia são, aos olhos das populações locais, os principais problemas a enfrentar.

OS PERCURSOS DO TEMPO - PEQUENA HISTÓRIA DO TERRITÓRIO E DA PASTORÍCIA

Os caminhos percorridos nos mosaicos deste território albergam memórias de práticas de tempos passados, de quando a pastorícia servia de complemento à agricultura, onde os pousios serviam de pastos valiosos para os animais que em troca fertilizavam os campos cerealíferos, sustento das crescentes populações.

Hoje cultivam-se culturas forrageiras para os animais, para serem consumidas em verde no campo ou para se guardar para os dias difíceis de inverno e, recentemente, em anos muito secos, também para os de verão. São exemplos, o trigo, o centeio e a aveia, em continuidade com o passado, bem como o milho e novas culturas, como a erva do sudão (um tipo de sorgo) e outros sorgos forrageiros.

Para além disso, os baldios, de propriedade comunitária que, muito embora a apropriação pelo Estado durante o período do Estado Novo para submissão ao regime florestal, continuam hoje a servir a pastorícia como fonte de alimentação arbustiva mais atraente para o gado caprino.

Diferentes constrangimentos se impõem a esta atividade, nomeadamente o aumento exponencial do custo dos meios de produção, a falta de mão de obra, bem como a complexidade técnico-burocrática de que os apoios estatais se revestem.

Não obstante, os produtores enfrentam diariamente estes problemas com os recursos de que dispõem. A reconversão dos campos de cereais em soutos, ou o abandono de terras aráveis vêm alterando as condições do território para o pastoreio, e por isso a pastorícia vê-se confrontada com novos desafios. Diferentes iniciativas, entre elas as de desenvolvimento rural, surgiram com o objetivo de apoiar as populações e as atividades agrárias.

O processo de registo e reconhecimento das raças autóctones fez emergir, ao longo da primeira década deste século, novos formatos de ruralidade cujas marcas se deixam ler precisamente nas interações da pastorícia com o território. A atividade pastoril tem hoje como meta principal a produção de cordeiros e cabritos para o mercado. Em tempos, as finalidades terão sido a reposição de fertilidade nos campos cerealíferos e a produção de leite e lã, com uma menor quantidade de carne a ser consumida, e apenas em épocas especiais. As transformações aqui em causa refletem mudanças, não só nas práticas de consumo associadas a modos de vida, mas também nas dinâmicas de mercado que desvalorizaram produtos como a lã. Mais tarde, formas de valorização institucional como as certificações DOP (Denominação de Origem Protegida de produtos agrícolas e géneros alimentícios), a IGP (Indicação Geográfica Protegida de produtos agrícolas e géneros alimentícios) ou as medidas agroambientais (medidas no âmbito da Política Agrícola Comum), por exemplo para a manutenção de raças autóctones, deram aos produtores novas oportunidades de ultrapassar as dificuldades, com maiores ou menores graus de sucesso. Contudo, e apesar dos moldes diferentes nos quais se desenvolve, a pastorícia continua ativa e os rebanhos percorrem diariamente vários quilómetros nestas paisagens, acompanhados por pastores ou pastoras e pelos seus cães. Os seus praticantes, malgrado a apreensão que sentem sobre o futuro desta atividade, procuram diariamente novos caminhos para o devir.

MUDANÇAS NA AGRICULTURA FAMILIAR – CONTINUIDADE DE UMA ESTRATÉGIA ECONÓMICA DIVERSIFICADA

As transformações das últimas décadas, tanto nas práticas agrícolas e pastoris como no contexto socioeconómico, trouxeram mudanças significativas no modo como este território é habitado - "*agora mudou tudo*" (Adriano). Nas palavras do pastor João, "*os [mais] velhos vão morrendo e as práticas vão mudando*".

No passado, a prática do afolhamento bienal, uma prática de rotação de culturas, dividia os termos das aldeias em duas partes, onde alternadamente se *fabricava* (cultivava), existindo em simultâneo uma folha lavrada e semeada - *folha do pão* e outra em pousio - *folha do restolho*, na qual os rebanhos da aldeia pastoreavam livremente. Prevalencia uma agricultura camponesa, sendo que a maioria das

unidades familiares se dedicava ao cultivo para autoconsumo e venda de excedentes e à criação de gado, num sistema imbricado. Encontravam-se assim, nas casas mais abastadas, algumas vacas e, em cada aldeia, vários rebanhos de cabras e/ou ovelhas.

A agricultura foi-se transformando numa atividade levada a cabo maioritariamente por pessoas mais velhas que continuam a viver na região, algumas das quais escolhem a pastorícia para “*entretêr a reforma*”. Os soutos são trabalhados quer pelos mais velhos com vista a serem herança dos filhos que aqui já não vivem, mas que para cá viajam quando podem, quer ao fim-de-semana por quem tem outras profissões. As plantações recentes são assim marcas na paisagem da procura por novas vidas que consigam combater as dificuldades socioeconómicas sentidas nesta região.

Por outro lado, em continuidade com formas de reciprocidade do passado, o parentesco alargado aos vizinhos e amigos, permite combater a falta de mão de obra e o isolamento e funciona assim como um recurso relevante no desenvolvimento da pastorícia no presente. A partilha de tarefas na tosquia, ou a permissão de pastorear em soutos e terrenos antes usados para a cultura do cereal, são sinais dessas mesmas transformações.

Nunca tendo deixado de existir, o consumo doméstico dos produtos da pastorícia e da agricultura, promovem um uso continuado do território produtivo. As explorações pecuárias que aqui mencionamos, normalmente geridas pelo casal e beneficiando da ajuda dos filhos, caso estes se encontrem a viver na região, consomem parte daquilo que produzem. Os queijos e os cabritos ou cordeiros são disso exemplo, ao que se adicionam os produtos das hortas presentes usualmente nas traseiras das habitações.



Tosquia no Zeive em maio de 2023

TOSQUIA EM GRUPO

Como forma de combater a falta de mão de obra, muitos pastores juntam-se com outros produtores amigos para dividirem o trabalho da tosquia dos seus rebanhos durante a primavera. A prática é comparada pelos próprios à *entrajuda (torna jeira)* do passado, à partilha de trabalho em prol de um melhor aproveitamento do tempo e da mão de obra disponível.



Em janeiro, o fumeiro cobre o teto de uma casa na freguesia de Parâmio

FABRICO DE PRODUTOS PARA CONSUMO ALIMENTAR PELAS MULHERES

Para além das tarefas relacionadas diretamente com a pastorícia - cuidado dos animais, sobretudo paridas e crias, higienização das *curriças* (estábulos), tarefas logísticas da exploração (aquisição de combustível, organização das contas, etc.) e, em alguns casos, pastorear - as mulheres preparam ainda alguns subprodutos. Há quem produza queijos com leite das cabras, enchidos de porco ou compotas dos frutos que crescem no quintal. Estes alimentos são para consumo próprio ou oferecidos a familiares e amigos. Num exemplo, Arminda (Vinhais) todos os dias estruma e põe o feno na *curriça*, aparta os cabritos e cordeiros, muge as cabras paridas, trata dos porcos e das galinhas e quando chega a casa, por vezes, fica pela noite a fazer queijos. O conhecimento tradicional sobre o processo de confeção foi-lhe passado por uma anciã na aldeia. Mas nem sempre há queijos! Quando chove e faz frio, as cabras não têm muito leite, pois, como diz: “*Os bichos são assim! E não dá para os mudar.*”

Paula (Maçãs) é criadora e pastora de cabras, mas tem especial gosto pela produção dos produtos resultantes da matança do porco. Ela tem o seu calendário reservado seis meses antes de iniciar a época da matança. A lareira da sua casa foi construída propositadamente para defumar os enchidos que são produzidos pela família. Amigos e vizinhos juntam-se em noites frias de inverno para prepararem todo o ritual que culmina na fabricação de enchidos; momentos que são produtivos, mas também de lazer e comensalidade. E é com muito orgulho que ela e a família oferecem sempre uma alheira ou chouriça a quem lhes faz uma visita, fazendo jus à hospitalidade e reciprocidade que marca a vida nestas paragens.

No que diz respeito aos produtos de venda, atendendo à dificuldade de escoamento, são os próprios produtores que mantêm o contacto com os compradores intermediários que passam pelas aldeias, sobretudo para comprarem cabritos e cordeiros, ficando dependentes dos preços negociados no momento. Todavia, por vezes procuram saber os preços que outros negociaram ou combinaram entre si, numa tentativa de conseguirem o rendimento devido. Não tendo outra forma de escoar os produtos, estes compradores representam uma ligação com o mercado do qual as explorações familiares beneficiam, embora nem sempre com um rendimento justo face aos gastos da atividade, que se vêm tornando insustentáveis com o aumento dos preços, por exemplo, das sementes de cereais, das rações para as crias ou dos produtos veterinários.



OS SOUTOS - MARCADORES DA HISTÓRIA DA PAISAGEM

Apesar da presença histórica do castanheiro nesta região, a área arborizada por esta espécie viu um aumento exponencial durante os anos 1990. Os extensos soutos são hoje uma fonte de rendimento relevante para as populações locais. Na sua presença lê-se, por um lado, a importância histórica desta árvore como fonte de alimento, conhecida no passado como a “*árvore do pão*”, e por outro, a mudança contemporânea dos modos de vida e de uma agricultura baseada em culturas anuais de cereal, para uma agricultura perene centrada na plantação de árvores de fruto. A divisão dos soutos entre herdeiros lê-se literalmente, em alguns casos, no casco das árvores onde se inscrevem as iniciais de quem tem o direito a colher os seus frutos. No contexto dos percursos da pastorícia, assiste-se a uma utilização multifuncional destes mesmos terrenos. Os rebanhos fazem deles pasto, alimentando-se da vegetação espontânea que cresce entre as árvores. No entanto, no caso de recentes plantações, o pastoreio encontra-se normalmente interdito de forma a proteger as recém-plantadas e frágeis árvores. Nos soutos podem ser colocadas *balizas* (vedações), feitas de um molhe de palha espetado num pau e atado por um fio, ou traçados sulcos na terra em seu redor, sinais por todos reconhecidos e pelos quais os seus proprietários assinalam a interdição de pastoreio. Os períodos de colheita da castanha não precisam de sinalização, os pastores conhecem e respeitam as regras. Também o uso de produtos fitofarmacêuticos limita a passagem dos rebanhos, num corte com o direito à mobilidade do pastoreio pelos termos das aldeias. Esta nova realidade acarreta transformações nos modos de vida e nas práticas dos habitantes, eles próprios em muito impulsionadores de tais mudanças.

Assiste-se a várias ameaças aos soutos que se prendem com o impacto de doenças como o cancro, a tinta e a provocada pela vespa-das-galhas-do-castanheiro, que proliferam de árvore em árvore, deixando um rasto



Castanheiro antigo, referência na paisagem em Zeive

CASTANHEIRO - AS MARCAS DO PASSADO

Humberto (Zeive), um produtor de ovelhas da raça Churra Galega Bragançana Branca, conta a história de um castanheiro de que ninguém sabe a idade, rodeado por árvores mais recentes, de cerca de 40 anos, compondo um souto que se estende por alguns hectares. Ali vários pastores tinham o seu banco moldado no casco da árvore, onde descansavam enquanto os rebanhos pastavam em seu redor. Nas suas palavras “*morremos mas fica cá tudo*”. Este marco representa para Humberto as histórias dos seus antepassados que, tal como ele, mas apesar de em condições muito diferentes e mais penosas, percorriam diariamente quilómetros com os animais em busca de locais de apascentamento.



Rebanho a pastorear entre castanheiros na Soeira

NOVAS CULTURAS

Adriano (Soeira), um pastor de ovelhas da raça Churra Galega Bragançana Preta, faz uso da vegetação que cresce nos soutos para pastorear o seu rebanho. O receio da vespa asiática que nas árvores escolhe fazer os seus ninhos é constante e por vezes alguma ovelha sofre uma ou outra picada. Não obstante, o medo enfrenta-se pela necessidade de levar os animais a pastar, e o pastor vai pisando as vespas que se colocam no seu caminho. Nestes terrenos, Adriano está a experimentar cultivar erva do sudão (*Sorghum sudanense*) junto a castanheiros jovens para pasto do seu rebanho no verão.

de destruição que impede por vezes o crescimento de novas árvores. As podas de ramos doentes ou o tratamento localizado com produtos biológicos ajudam na prevenção das doenças e no tratamento, mas não asseguram a perda de muitos castanheiros. Árvores novas e algumas já antigas, como aquela de que Humberto nos fala, acabam por não resistir e vão sendo arrancadas. No processo, o olival vai ganhando espaço num aproveitamento das temperaturas crescentes que, devido às alterações climáticas, se vão sentindo e que permitem começar a plantar oliveiras em zonas mais elevadas do que era usual.



COMPÁSCUO - VELHAS E NOVAS FORMAS

O compáscuo consistia no direito de os pastores usufruírem das terras não cultivadas para pascentar os seus rebanhos. Como demonstração do direito ao movimento dos rebanhos que definia parte da organização socioecológica do passado mais remoto destas aldeias, a prática de compáscuo continua, ainda que em moldes diferentes, a tecer relações continuadas entre as pessoas e o território. A noção cultural do direito de poder pastorear continua viva nesta região e, na maneira atual, os produtores fazem uso de terrenos de vizinhos e amigos, com quem mantêm relações de troca recíprocas. Por outras palavras, os pastores fazem uso do pasto dos terrenos das suas aldeias ou freguesias, cujos proprietários são muitos deles idosos ou migrantes, dando assim uso às suas propriedades que de outra forma permaneceriam inutilizadas, acabando por se converterem em áreas de mato. Por vezes recebem uma renda, ou um cabrito ou cordeiro em troca ou, no caso de campos de cultivo, ajuda na lavra. Os cereais tradicionais - trigo, centeio ou aveia -, praticamente já só se produzem para alimentação dos rebanhos. Desta forma, continua-se a trabalhar a terra arável, conservando a valiosa matriz agrícola da região. Para além disso, os animais são levados aos *lameiros* – pastos permanentes seminaturais de flora autóctone dependentes de gestão antrópica por pastoreio e/ou corte. Os *lameiros*, historicamente associados aos animais bovinos de trabalho que ali se governavam, são hoje pasto para os pequenos ruminantes, especialmente ovinos, revelando assim as novas condições resultantes da diminuição da população e da transformação do sistema agrário.



Por outro lado, e de forma mais aproximada à prática tradicional de compáscuo, os baldios continuam a ser amplamente utilizados durante os percursos de pastoreio. A vegetação arbustiva que cresce na matriz florestal que define hoje esses territórios é altamente atrativa para o gado caprino. A sua utilização assenta no compáscuo, mas expressa também a recente associação entre o pastoreio em áreas florestais e prevenção do risco de incêndio e a manutenção da biodiversidade, procurando sinergias entre o desenvolvimento rural e as práticas tradicionais de manutenção do território, como é o caso do regime de propriedade dos baldios.

Em suma, a ausência dos que saíram da região provoca um sentimento de perda nos lugares de onde partiram, visível na falta de gados nos campos e no abandono de terras aráveis que se espalham pelos termos das aldeias, alguns já colonizados por vegetação arbustiva. Apesar dos que ficam preservarem práticas antigas e, como veremos, desenvolverem outras novas, a necessidade de procura de rendimentos extra por pessoas que fazem parte das unidades familiares, ameaça a continuidade da pastorícia nesta região e empurra sobretudo os mais jovens para longe do campo. O olhar por vezes fatalista com que os pastores olham para o futuro da sua atividade reflete-se em frases como: “*esta profissão, quando formos nós, acabou!*”, ou ainda, “*podem ficar umas cabras e ovelhas cercadas, mas isto ninguém quer!*”.



Pastoreio de ovelhas na zona de Palácios

NOVAS FORMAS DE COMPÁSCUO

Manuel João (Palácios), um pastor de ovelhas da raça Churra Galega Bragançana Branca, faz uso continuado de muitas das terras que preenchem o território da sua aldeia. Apesar da livre permissão para levar os seus animais a pastar nos campos dos vizinhos, nomeadamente nas *terras de pão* (campos de cereal), o pastor insiste sempre em oferecer qualquer coisa em troca, como um cordeiro ou uma renda simbólica. Para além disso, o seu trabalho, como o dos outros pastores, promove a continuidade dos rendimentos da agricultura na forma de subsídios de que os donos dos terrenos são beneficiários, permitindo uma renda, por vezes importante fonte de subsistência nos casos de isolamento ou impossibilidade de trabalhar.



Rebanho misto (cabras e ovelhas) percorrendo a zona de Ciradelta - Vinhais

PASTOREIO NOS BALDIOS

Armindo (Vinhais), pastor de cabras da raça Preta de Montesinho e de ovelhas da raça Churra Galega Bragançana Preta, percorre quase diariamente o baldio da sua aldeia. Praticamente o único pastor de cabras no local onde vive, Armindo mantém viva a prática do compáscuo. Caminha através de vales e montes íngremes com o seu rebanho misto, e com os cães que o ajudam a detetar possíveis ameaças dos lobos. O pastor refere que hoje em dia é muito difícil manter a atividade para quem tem poucas terras. Tem de arrendar alguns terrenos para poder apascentar o gado, o que se torna um encargo financeiro complicado tendo em conta os baixos rendimentos da atividade. O baldio é, neste caso, uma fonte de recursos alimentares fundamental para o gado e importantíssimo nos seus percursos de pastoreio.

As unidades familiares em Montesinho fazem recurso às diferentes possibilidades de fontes de rendimento, à pastorícia e às atividades complementares, como a transformação dos seus produtos, e aos subsídios, bem como a atividades não agrícolas, seja na construção civil ou nos serviços (por exemplo, empregos na restauração ou na administração). Tal como na forma de organização económica com base na agricultura tradicional, conjugam-se hoje diferentes atividades, numa estratégia de sobrevivência diversificada, atenta às oportunidades e mudanças.





O gado faz muita falta em todo o lado

Pastorear implica um vasto conhecimento experiencial sobre a vegetação, o relevo, a meteorologia ou os recursos de água. Implica interpretar os sinais do tempo, as alterações sazonais, as mudanças na paisagem, o imprevisível... Os pastores e pastoras estabelecem uma relação com os outros seres que habitam o mesmo mundo e que se expressa, entre outros, num conhecimento individualizado dos elementos do seu rebanho, na leitura dos seus comportamentos e na antecipação das suas necessidades. Pastorear significa assim uma contínua e quotidiana inter-relação entre pastores, gado (neste caso cabras ou ovelhas), cães, outros animais, plantas e elementos abióticos.





OS PERCURSOS DE PASTOREIO - O TERRENO É QUE MANDA

O pastoreio de percurso tem uma clara relação com as dinâmicas territoriais. Os percursos atendem às épocas do ano de forma a aproveitar os melhores recursos de cada momento, e de impedir estragos em culturas ainda em crescimento, que é como quem diz “*o terreno é que manda*” (Adriano). Desta forma, o pastoreio de percurso depende do movimento cíclico na paisagem com vista à obtenção dos recursos alimentícios necessários ao desenvolvimento dos animais. A sua qualidade depende da própria variedade de vegetação que o animal consome - “*cria pequena quer variedade*” (Manuel João). À alimentação no campo através dos percursos de pastoreio adiciona-se a produção de forragens para consumo nas *curriças* (estábulos) e possível complementação com rações compradas, essencialmente para as crias. Os percursos diferenciam-se entre os rebanhos de cabras e ovelhas, e os rebanhos partilham de forma complementar *touças* e *sardoais* (matas de carvalho-negral e azinheira), *lameiros*, soutos, terras aráveis cultivadas ou em pousio, matos (vegetação arbustiva), pomares e outras terras de vegetação esparsa espontânea.

Os percursos de pastoreio no inverno começam durante a manhã, não tão cedo como os que se observam no verão. Dependendo da meteorologia do momento, e das necessidades do rebanho, os pastores decidem por onde caminhar e definem o percurso do dia. No entanto, os percursos são abertos a mudanças, já que a imprevisibilidade é uma constante. Isto é, um animal pode nascer, uma tempestade pode começar ou um outro imprevisto pode surgir. Mas também porque é reconhecida e respeitada a vontade dos animais que simplesmente podem mostrar uma preferência alimentar que os encaminha para outro ponto, ou como explica um pastor “*elas (as ovelhas) querem é liberdade para escolher o pasto!*”. Assim, o percurso terá de se adaptar às condições de cada dia.

As diferentes estações do ano, hoje mais desreguladas, influenciam igualmente os percursos de pastoreio. A vegetação que se vai alterando e acompanhando as estações com as suas diferentes fases de crescimento, tem por isso um impacto direto na relação da pastorícia com o território. A época de colheita das forragens, do feno ou das castanhas, por exemplo, empurra os caminhos para outras zonas da aldeia ou da freguesia. Desta forma, alguns produtores mantêm *curriças* em diferentes localizações para onde levam os rebanhos nessas ocasiões.

As cancelas (cercas) amovíveis tradicionais são também um instrumento importante nesta gestão, uma vez que durante o verão os animais estiam ou pernoitam no campo, e a prática é associada não só a modos de fazer de tempos passados - quando os pastores dormiam muitas vezes com os animais no campo - mas também a uma noção de saúde e bem-estar dos animais pela qual o contacto continuado com o exterior é considerado benéfico. Por outro lado, esta prática permite por vezes libertar tempo valioso utilizado para outras tarefas necessárias, como a limpeza das *curriças*, sementeiras, corte do feno, ou os cuidados dos animais recém-nascidos.

O uso do território faz-se assim numa clara relação com as estações do ano e padrões de atividade. Nessa inter-relação estabelecem-se caminhos e lugares por onde o rebanho, os cães e o pastor passam em diferentes alturas, e com diferentes objetivos. O recurso a cereais semeados nos históricos terrenos aráveis desta região é hoje uma prática corrente que contrasta com o que se observava no passado. “Os animais comem melhor e vendem-se sempre”, nas palavras de Adriano para explicar as transformações sentidas.



Rebanho de ovelhas entre giesta amarela

CONHECIMENTOS ECOLÓGICOS LOCAIS

Os conhecimentos dos pastores acerca das necessidades dos animais, dos comportamentos de cada raça, e da sua relação com a vegetação de cada local e época, é indispensável para que todos os dias o pastoreio chegue a bom porto. As giestas (*Cytisus* spp. e *Genista* spp.), as urzes (*Erica* spp.), a esteva (*Cistus ladanifer*), a carqueja (*Pterospartum tridentatum*), a arçã (rosmaninho, *Lavandula stoechas*) e o *chargaço* (sargaço branco, *Halimium lasianthum*), por exemplo, vegetação arbustiva mais atraente para o gado caprino, mas consumida também pelas ovelhas, encontra-se em locais específicos, normalmente marginais ou em zonas florestais, e o facto de ser aprazível para os animais depende não só da meteorologia do momento, mas também da época do ano.



AS RAÇAS LOCAIS DE PEQUENOS RUMINANTES - CABRAS E OVELHAS DE MONTESINHO

Em Montesinho, mantém-se o pastoreio de raças locais, adaptadas ao clima e terreno e que são rústicas e resilientes porque pouco exigentes em recursos forrageiros, essencial para um pastoreio sustentável de reduzido impacto⁶.

Cabra Preta de Montesinho

O seu nome reflete o seu solar histórico (a região da Serra de Montesinho), e foi adotada como um dos símbolos do Parque. Antes referida como “cabra antiga”, “galega”, “bragançana” ou “preta”, esta raça foi durante a primeira década do século XXI alvo de levantamentos oficiais, em colaboração com o próprio PNM, com vista à avaliação do risco de extinção e à descrição oficial da sua morfologia. Desde 2009 que os seus criadores são beneficiários de apoios subsidiários que visam proteger a raça e travar o abandono rural por parte de populações que com ela trabalham.



⁶Todos os dados sobre as raças autóctones foram retirados de DGAV (2021) Catálogo Oficial de Raças Autóctones Portuguesas [online] <https://www.dgav.pt/wp-content/uploads/2021/04/Catalogo-Oficial-Racas-Autoctones-Portuguesas.pdf>

Ovelha Churra Galega Bragançana Branca

Numa tendência menos acelerada, a raça de Ovelha Churra Galega Bragançana Branca viu os seus números drasticamente diminuídos entre 1967 e 1990. O início do registo deu-se em 1991, quando foi considerada em vias de extinção. Esta ovelha vê a sua história altamente entrelaçada com a das populações locais, uma vez que a criação destes animais tinha como objetivo principal a fertilização dos solos agrícolas e a produção de agasalhos de lã.



Ovelha Churra Galega Bragançana Preta

Devido à menor valorização das suas lãs, comparativamente à variante branca, esta raça viu a sua existência ameaçada. Em 2015 foi reconhecida como uma raça autóctone distinta sendo os seus criadores agora aptos a receberem mais apoios governamentais que, tal como acontece nos casos anteriores, apontam para uma diminuição do abandono da atividade e uma proteção extra no que toca ao valor genético da raça, também ela altamente associada à história da ocupação destes territórios.

Os pastores mantêm, na sua maioria, um nível de diversidade genética - “*troca de sangue*” -, por exemplo, trocando os machos que estão nos rebanhos há três ou quatro anos por outros vindos de fora, de rebanhos de amigos. Por outro lado, alguns mostram gosto pela diversidade no que toca às raças que compõem os seus rebanhos. Quando questionados sobre o facto, referem que a diversidade advém do seu interesse pelas diferentes raças. Este gosto estético prende-se por vezes a contradições no que toca às definições oficiais de cada raça. Ovelhas com cornos, por exemplo, ou cabras malhadas, vão no sentido oposto da definição morfológica das raças aptas para registo zootécnico como “puras”. A memória diz-lhes que as raças nem sempre foram assim, e diferentes conceções emergem quando se conversa sobre este tema. Para mais, o gosto pela aquisição de animais específicos é igualmente observado, quase como se de colecionadores aficionados se tratasse. Comprando através de diferentes plataformas digitais (e.g. OLX, Facebook), os pastores retiram prazer ao verem um rebanho composto pela diferença, e entusiasma-se ao explicarem as particularidades das raças ou a variação das mesmas.

GESTÃO DO GADO EM TERRITÓRIOS COMPARTILHADOS - CÃES E ANIMAIS SELVAGENS

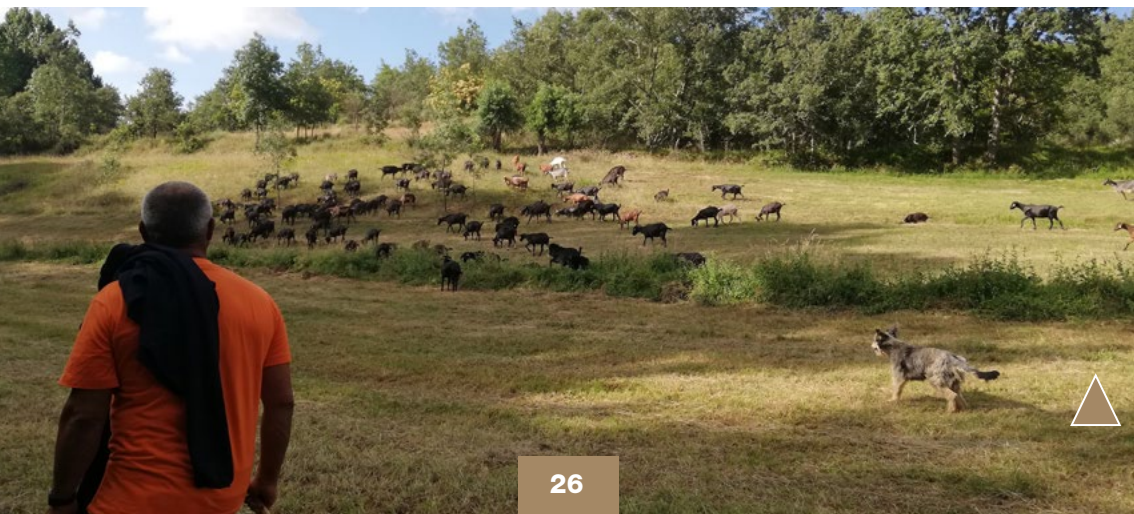
A pastorícia é uma atividade mediadora de diversas relações entre humanos e animais não-humanos, tanto domésticos como selvagens. No primeiro caso, temos o próprio gado, mas também os cães que são de dois tipos: “cães de virar” e “cães de gado”.

Atentos ao trabalho em mãos, estes dois tipos de cães preenchem lugares específicos no desenrolar dos dias no campo, e medeiam a relação entre pastores e gado, à qual se adicionam os animais selvagens com quem partilham estas paisagens.



Cão de virar

Os “cães de virar” podem ser de diferentes raças, o que se relaciona com a habituação do pastor com determinada raça ou com as características individuais de diferentes cães. A tarefa destes cães prende-se ao auxílio do pastor no controlo e condução do rebanho no terreno. Reconhece-se a sua inteligência na leitura dos movimentos do rebanho, das ordens do pastor, mas também do ambiente que os rodeia. Humberto chega mesmo a dizer que um dos seus cães “*tem um entendimento de pessoa*”, e que outros até “*adivinham quando trovoa, no dia antes não trabalham, deitam-se, tremem e é matemático!*”.



Cão de Gado Transmontano

O cão de gado típico desta região é conhecido como Cão de Gado Transmontano. A sua presença é aqui histórica, no entanto, a definição oficial da sua raça aconteceu apenas nos anos 1990 durante uma ação do ICN (Instituto de Conservação da Natureza, atualmente ICNF - Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas) que procurava diminuir o impacto do lobo nos prejuízos das explorações pecuárias extensivas. Hoje os pastores não saem para o campo

sem a companhia destes cães que em cada rebanho, protegem os pequenos ruminantes de possíveis ataques dos lobos.



De esquilos a lobos e javalis, ninguém fica indiferente à presença do Cão de Gado Transmontano que com a sua imponência alerta o pastor para a presença de possíveis perigos. Pastores e pastoras referiram o sentimento de segurança que os cães proporcionam durante os percursos. Nas palavras de um deles “*se não fossem os cães, não ia tão tranquilo pelo mato*”.

Animais selvagens

Os lobos têm a sua presença bem assente nesta região. Os pastores e pastoras conhecem bem as marcas que deixam ao longo da paisagem, e os cães ajudam-nos a perceber se algum está por perto. Devido ao abandono rural a partir dos anos 1960 e às políticas de conservação da natureza a partir dos anos 1970, toda a fauna selvagem recuperou, incluindo o lobo. Os produtores referem que antigamente não viam tantos, e praticamente não

existiam. Hoje o impacto dos javalis é indelével, principalmente nos estragos que deixam nos campos de milho e na possível proliferação de doenças (por exemplo, peste suína africana e tuberculose) presentes nos últimos anos na Europa. Por sua vez, o aumento da presença de veados e corços também se faz sentir nos estragos dos campos de cereal e dos troncos das árvores jovens. Este fator revela as inter-relações complexas que se estabelecem e deixa bem clara a importância da permanência de um sistema ecológico equilibrado.



A preparar a ordenha na *curriça* em Vinhais

MEMÓRIA DA PRESENÇA DE LOBO

Na altura em que Arminda (Vinhais) ainda vivia com os seus pais, a pastora andava com o rebanho pelo campo quando reparou que os lobos andavam de olho numa ovelha manca (coxa) que ela tinha. A certa altura ouviu um restolho nas pedras e saiu de lá um lobo que lhe apanhou a ovelha. Nesse dia os cães foram atrás de uma cadela e não estavam por perto, mas a pastora levava um cão de caça do pai

pela trela para não ter medo. Quando viu o lobo, mandou o cão ir atrás, o que fez com que o lobo ou lobos fugissem e a pastora conseguisse recuperar a ovelha. A pastora trouxe a ovelha para a *curriça* e fechou-a lá. À noite, o lobo voltou à *curriça* porque deve ter dado com o cheiro do sangue. O irmão estava com ela, e o uivar dos lobos ouvia-se claramente. Os dois estavam assustados, mas com o gado na *curriça* e os cães por perto, os lobos já não conseguiam caçar o animal. No dia seguinte a ovelha acabou por morrer e a carne foi aproveitada para alimentar os cães. “*Pelo menos alimentou os cães e não foi uma ovelha para os lobos*”, disse Arminda.

A avó de Manuel João (Palácios), há 70 anos fazia colchas com a lã das ovelhas atacadas por lobo. Mas este pastor também comenta que “*os lobos só vão ao que está perdido* (animais debilitados)” e que tem ideia de que hoje existe menos javali e veado porque existe mais lobo. Humberto (Zeive) refere também que, em alguns locais, o lobo só vai até aos rebanhos porque não há tantas presas (selvagens). Dando voz ao conhecimento de que um predador de topo é necessário para manter o ecossistema em equilíbrio.

ADAPTAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS - NINGUÉM MANDA NO TEMPO

Para além dos fatores já descritos, respeitantes ao despovoamento da região e às alterações do sistema agrário, há desafios que advêm de um fator decisivo, a necessidade de adaptar a pastorícia às alterações climáticas.

Estas alterações vêm remetendo as situações temperadas mais frescas apenas para as cumeadas mais remotas, de difícil acesso e desligadas entre si, dificultando a organização dos percursos de pastoreio. Outro sinal, é o aumento das temperaturas que afeta diretamente a vegetação natural que sustenta a pastorícia, e as pastagens que antes florescia durante a primavera e o verão vão-se tornando menos produtivas, reduzindo a disponibilidade de alimento para os rebanhos nessa época do ano tão importante no seu ciclo reprodutivo. Por outro lado, as ondas de calor, cada vez mais frequentes, comprometem o bem-estar dos animais e podem acarretar perdas económicas significativas para os pastores.



Contentores de água móveis e outros recipientes para fornecer água ao gado

NOVAS PRÁTICAS PARA FAZER FACE AOS PERÍODOS DE SECA

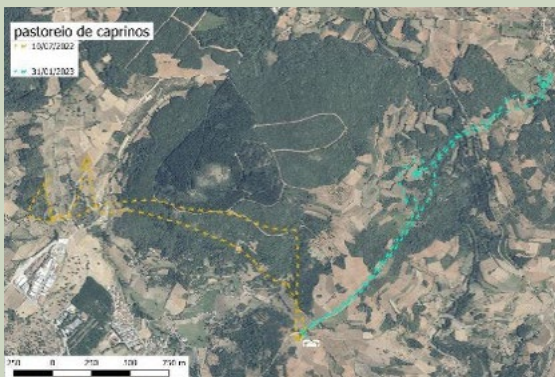
A inconstância meteorológica e os padrões anómalos na definição das estações do ano - “agora não sabemos quando é inverno ou verão!” (Adriano) - deixam impactos nas culturas agrícolas e tornam a atividade pastoril marcada pela instabilidade e incerteza. Como forma de os enfrentar diariamente, os produtores da região procuram novas práticas que ultrapassem os constrangimentos do presente. Entre elas, o uso das cisternas ou contentores de água ou o cultivo de forragens mais adaptadas à escassez de água. Novas práticas são observadas nos campos e nas *curriças*, e contam-nos como se enfrenta a incerteza perante o futuro, pois “ninguém manda no tempo” (Humberto).



PARTICIPAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Durante a investigação do projeto PASTOpraxis foi utilizada tecnologia de geolocalização (GNSS – Sistema Global de Navegação por Satélite) de forma a aprofundar o conhecimento acerca dos movimentos dos percursos de pastoreio. A proposta foi aceite pelos pastores parceiros do projeto que tomaram interesse em saber de que forma a tecnologia poderia auxiliar o seu trabalho no campo. Num dos animais de cada rebanho foi colocada uma coleira GPS que a cada momento emitia um sinal que mais tarde seria composto num mapa do percurso feito a cada dia. Por sua vez, os mapas refletem mudanças nos percursos de verão e inverno, e mostram novas formas de lidar com a incerteza do tempo e do território, influenciado pelos impactos das alterações climáticas.

Colocação de coleira GPS em ovelha e mapa com percurso de pastoreio de rebanho de caprinos num dia de verão (percurso amarelo) e num dia de inverno (percurso verde)



Como região de montanha, Montesinho tem valores de precipitação suficientes para manter as pastagens, embora a irregularidade das chuvas e a diminuição da quantidade de neve que cai venha prolongando os períodos de seca. Esta falta de água afeta não só as pastagens, mas também os pequenos cursos de água próprios da montanha para o abeberamento dos rebanhos. Por outro lado, chuvas intensas em curtos períodos são particularmente graves nas encostas mais extensas e declivosas, acentuando a erosão dos solos, agravando ainda mais as dificuldades para manter as áreas de produção de forragem.

As mudanças no uso do solo, e os impactos das alterações climáticas vão transformando o modo como os animais percorrem o território, e os pastores e pastoras procuram novas formas de fazer e pensar os itinerários. Sempre cientes de que sem o pastoreio a paisagem do parque vai sofrer uma transformação, pois "o gado faz muita falta em todo o lado" (Adriano).



Abraçar uma vida mais próxima da natureza

A atração por um emprego junto da “natureza” é relevante para os membros das novas gerações que sentem de alguma forma uma atração pela atividade da pastorícia. Novas práticas, como a diminuição do número de horas de pastoreio ou a partilha de trabalho entre amigos, e as novas oportunidades que as associações de criadores desenvolvem, são pistas para desvendar o futuro desta atividade de forma ecológica, social e economicamente sustentável. Fica claro que a agricultura familiar tem futuro caso as políticas de apoio e desenvolvimento se adaptem às novas realidades das famílias, do trabalho e de uma ruralidade que se quer contemporânea.

Novas e velhas gerações partilham hoje conhecimentos, experiências e visões perante o mundo, num sentido contrário ao abandono rural, observando-se gente mais jovem interessada na vida em Montesinho apesar do crescente envelhecimento da população.

DA RESILIÊNCIA DA SILVOPASTORÍCIA NO PARQUE NATURAL DE MONTESINHO

Apesar das transformações impostas pela modernidade, a pastorícia, prática ancestral que constitui um dos alicerces do PNM não só subsiste, como também se reinventa, impulsionada por uma nova geração de pastores que vê na sua continuidade uma missão de ligação à terra e um compromisso com a conservação da biodiversidade.

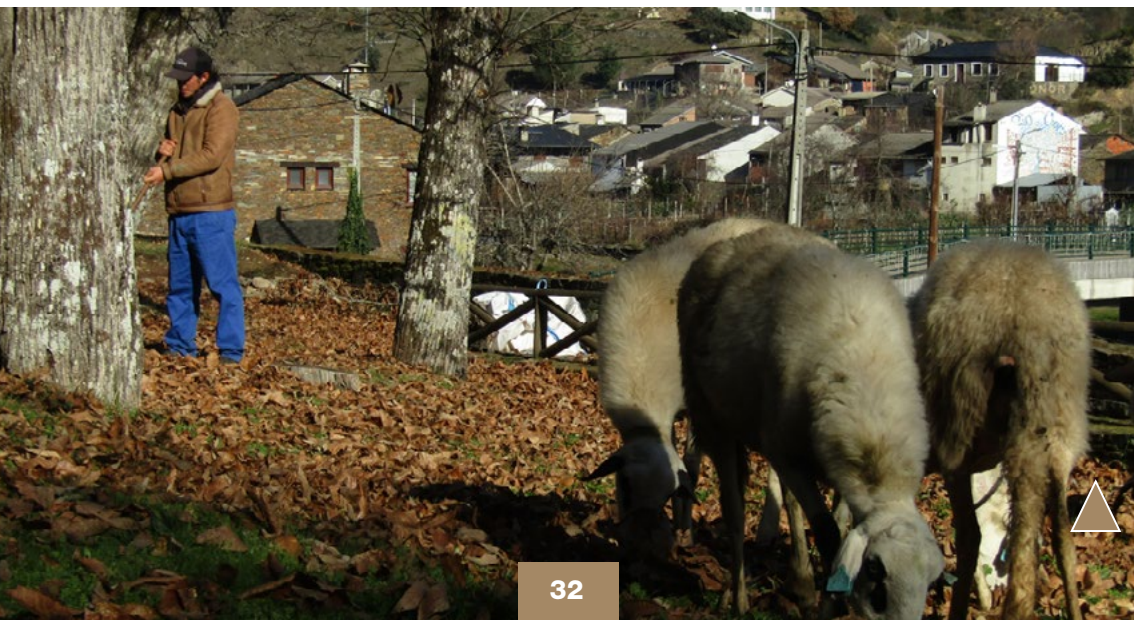
Este último capítulo explora seis histórias de entre muitas outras que exemplificam a persistência e a inovação dos atuais protagonistas da pastorícia. São narrativas que transcendem as histórias individuais de trabalho, refletindo uma relação profunda entre o ser humano, os animais não humanos e o território. São

testemunhos vivos da persistência de um modelo de gestão que, para além de garantir a subsistência, contribui para a conservação no Parque Natural de Montesinho. Este capítulo, sem pretensões de ser uma análise da pastorícia, é uma celebração da resiliência, criatividade e dedicação de quem, diariamente, faz da terra a sua vida.

MIGUEL, com 34 anos, deixou Lisboa há oito anos para se fixar em Guadramil, movido pelo desejo de reencontrar as suas raízes familiares e abraçar uma vida mais próxima da natureza. Este interesse pelo mundo rural já o tinha levado a frequentar a Escola Superior Agrária de Santarém, mas foi a paixão pela pastorícia que o conquistou.

Há quatro anos, Miguel começou com um pequeno rebanho de 20 ovelhas de raça Churra Galega Bragançana Branca. Com dedicação e trabalho, o rebanho cresceu e hoje ultrapassa os 200 animais, incluindo um bode e três cabras Pretas de Montesinho, cujo leite ajuda a cuidar de cordeiros que precisam de alimentação extra. A gestão deste rebanho, que é o único na freguesia, é apoiada pelos seus fiéis cães de gado transmontano, essenciais para proteger os animais numa região onde o lobo ibérico ainda tem forte presença.

Mas o dia a dia de Miguel não se limita à pastorícia. Ele interage regularmente com os turistas que visitam Rio de Onor, partilhando com eles o seu conhecimento sobre a pastorícia, os animais e a vida no campo. Essa interação trouxe-lhe novas oportunidades: Miguel já participou em projetos de investigação, como o da Universidade de Aveiro, que estuda a relação entre o pastoreio e os ecossistemas locais, e até esteve num documentário da BBC dedicado ao lobo ibérico, contribuindo com a sua experiência sobre a convivência entre pastores e predadores.



Miguel e Marlene, sua companheira, enfermeira veterinária que se mudou de Almeirim para Bragança, têm uma filha de quatro anos e partilham a gestão da vida familiar e da exploração. Apesar de Marlene não estar diretamente envolvida com a lide diária do rebanho, o seu conhecimento técnico é um recurso importante para o futuro da exploração. E quando precisam de uma pausa, podem sempre contar com a ajuda do pai do Miguel, que, inspirado pelo exemplo do filho, também decidiu regressar às origens após a reforma, ou com o apoio de um tio que reside na aldeia.

Miguel também mantém uma relação próxima com os outros pastores do PNM, bem como com as entidades locais, sendo sócio do Agrupamento de Defesa Sanitária e da Associação de Criadores da Raça. Estas organizações foram fundamentais para a sua formação em agricultura biológica e para contribuir para a sustentabilidade da exploração. Além disso, os seus serviços são valorizados pela comunidade, com os vizinhos frequentemente a recorrerem ao rebanho para limpar e fertilizar os terrenos agrícolas (foto na página anterior, o rebanho a “limpar” o rebusco dos castanheiros do Parque de Campismo Rural de Rio de Onor, a pedido do próprio Parque de Campismo).

Apesar da realização pessoal e profissional, Miguel enfrenta desafios. Destaca a necessidade de melhorias nos pagamentos da Política Agrícola Comum (PAC), que considera excessivamente fragmentados, dificultando a gestão financeira. Também defende uma maior flexibilidade por parte do PNM para aprovar intervenções nas *curriças*, que são cruciais para o bom funcionamento da exploração.

Miguel representa uma nova geração de pastores que utiliza o conhecimento ecológico tradicional com uma abordagem atual e sustentável. Para além do trabalho no campo, é um embaixador da vida rural, mostrando que é possível preservar a identidade do interior estando aberto e em diálogo com outras vivências, seja através do turismo, da ciência ou da comunicação.

ALBERTO, de 50 anos, é natural da aldeia de Soeira e assumiu a exploração da família em 2000, quando o pai faleceu. Desde então, transformou e aperfeiçoou práticas, concentrando-se exclusivamente na criação de ovelhas. Herdou um rebanho de 250 ovelhas, que hoje já ultrapassa as 300, dispensando as cabras e as vacas que anteriormente faziam parte da exploração. Com uma visão estratégica, introduziu inovações como a sincronização de partos e a sazonalidade de produção, garantindo maior rentabilidade ao vender os cordeiros na altura da Páscoa, quando os preços são mais altos.

O mais novo de três irmãos, Alberto foi o único que permaneceu fiel à vida rural. Enquanto os outros procuraram outros caminhos, ele nunca quis outro futuro que não fosse o de ser pastor. Vive com Alice, a sua companheira, que, apesar de trabalhar na cidade e ser a presidente da Junta de Freguesia, também compartilha as tarefas da pastorícia. Juntos têm um filho de 22 anos que, embora siga uma vida mais urbana, eles esperam que, um dia, veja no rebanho uma oportunidade de complementar a sua profissão.



Alberto valoriza profundamente o apoio técnico e científico que recebe. Desde 2001, é sócio da ACOB (Associação de Criadores de Ovinos da Raça Churra Galega Bragançana), onde se tornou um membro ativo, integrando mesmo a direção ao fim de 10 anos como sócio. Sempre defendeu o envolvimento do ensino superior e da investigação na ACOB, especialmente para o melhoramento genético da raça churra galega, cuja resiliência e preferência pela diversidade alimentar considera fundamentais. Este esforço reflete-se no seu respeito pelo livro genealógico da raça, que garante a qualidade e autenticidade do rebanho.

A convivência com o lobo ibérico faz parte da sua vida desde que começou a acompanhar os rebanhos do pai. Embora reconheça a pressão constante deste predador, aprendeu a aceitá-lo como parte do equilíbrio natural da região. Acompanha com interesse as dinâmicas entre o lobo e os rebanhos, encarando-as como um desafio que requer adaptação e conhecimento. E tal como reconhece o valor ecológico do lobo, também valoriza os cinco hectares de *sardoal* que possui e mantém intactos. Lamenta, no entanto, que não exista qualquer apoio para preservar este espaço, que contribui para a biodiversidade da região.

Consciente das mudanças sociais e climáticas, Alberto tem apostado em soluções inovadoras para responder às novas exigências. A compartimentação elétrica e a criação de novas captações de água são exemplos de estratégias que implementou para melhorar a gestão do pastoreio e assegurar a sustentabilidade da exploração. No entanto, lamenta a perda de diversidade florística nas pastagens, que acredita ser um reflexo das alterações ambientais e da pressão sobre o território.

A vida comunitária é outro pilar importante para Alberto. Vê com entusiasmo os momentos de cooperação entre pastores, como nos dias de tosquia, que considera autênticas celebrações de camaradagem. No entanto, também reconhece a necessidade de atrair mais criadores para a região, de forma a criar uma rede que permita maior organização e apoio mútuo, possibilitando até que os pastores possam ter dias livres com maior regularidade.

Alberto é um exemplo de como é possível manter viva a tradição pastoral, adaptando-a às exigências atuais e valorizando a colaboração e a inovação. O seu compromisso com a pastorícia, a comunidade e o equilíbrio natural demonstra a importância de cuidar não só do rebanho, mas também do território e das pessoas que dele dependem.

ANDRÉ, de 42 anos, é natural da aldeia de Tuizelo, no coração do PNM. Desde os 16 anos assumiu a responsabilidade pela exploração de vacas de carne da família que aproveita os vastos *lameiros* que marcam a paisagem da região. A ligação de André à comunidade levou-o a ocupar a presidência da Junta de Freguesia, função que desempenhou com empenho e onde conheceu Sara, uma bióloga de Lisboa que chegou à região como estudante da Universidade de Aveiro, à procura de aves de rapina. Com a consolidação da família, hoje com um filho de 3 anos e à espera do segundo, o casal decidiu inovar e procurar alternativas mais sustentáveis e produtivas. Há cinco anos, optaram por adquirir um grupo inicial de 90 ovelhas ASSAF, uma raça de aptidão leiteira valorizada pelos produtores da região vizinha de Zamora, em Espanha. Desde então, o rebanho cresceu, ultrapassando as 230 ovelhas, mas a mudança trouxe desafios inesperados. A produção de leite em modo biológico, que adotaram desde o início, não é valorizada localmente, perdendo-se a oportunidade de transformar esse diferencial num benefício económico.

As ovelhas ASSAF, apesar de bem adaptadas ao clima mais ameno, ainda enfrentam dificuldades devido ao clima húmido do PNM, que afeta as vias respiratórias, e à morfologia dos seus úberes, que não permite o pastoreio em terrenos mais difíceis, como matos ou florestas. Por isso, o casal baseia a alimentação do rebanho nos *lameiros* e nos soutos, complementando-a com suplementos. A gestão dos dois períodos diários de ordenha, exigentes e inadiáveis, torna essencial o pastoreio confinado por vedações, uma solução que lhes permite algum alívio na labuta. No entanto, a falta de mão de obra qualificada para ajudar na exploração é um dos maiores entraves. Sem pessoas disponíveis para colaborar, o casal enfrenta grandes dificuldades em encontrar tempo para descansar ou dedicar-se a outras atividades.

A burocracia também tem sido um obstáculo. Apesar de terem conseguido aprovar a ordenha, continuam à espera de uma solução para o armazém embargado, um processo moroso que ilustra o papel muitas vezes mais repressor do que facilitador da tutela. Por outro lado, o apoio veterinário na região tem sido exemplar e até inspirador, sendo numa conversa com um veterinário que André se interessou pela ovinicultura de leite.



A logística da entrega do leite também se complicou. Enquanto no início o escoavam para uma queijaria local, agora trabalham com fábricas mais distantes, obrigando a viagens de transporte mais longas, aumentando os custos e o tempo investido. Apesar destes desafios, André e Sara sentem-se motivados pela sustentabilidade da atividade, que consideram um contributo importante para o equilíbrio ecológico e económico da região.

André, com o apoio de Sara, procura constantemente formas de inovar e superar os desafios. A falta de valorização da produção local, a crescente concorrência do mercado espanhol e a dificuldade em encontrar mão de obra são problemas que exigem soluções estruturais. Contudo, o casal continua a investir no futuro, unindo tradição e modernidade, com o objetivo de assegurar que a vida rural, em Tuizelo, permaneça viável e relevante para as próximas gerações.

PEDRO, com apenas 25 anos, é um pastor jovem que assumiu cedo a responsabilidade de continuar a tradição familiar na pastorícia. Há três anos, após um grave acidente que deixou o pai incapacitado, Pedro tornou-se o pastor do único rebanho de Fontes Transbaceiro. Desde então, tem cuidado das cerca de 225 ovelhas da raça Churra Galega, um número que já supera as 180 cabeças iniciais e que ele planeia aumentar para 300, objetivo que acredita ser viável com os recursos disponíveis.

Apesar de jovem, Pedro combina paixão pela vida rural com um grande sentido de responsabilidade. Concluiu o 12º ano e um curso profissional de Turismo, com destaque num estágio num conhecido hotel da cidade de Bragança. Teve também uma oportunidade de trabalho com o irmão num comércio de peças de automóvel, mas decidiu que a vida no campo, com a liberdade de “*não ter patrões*”, era o seu

verdadeiro caminho. Desde pequeno, já ajudava a família na pastorícia, tosquiando ou *dando jeiras* (trabalho à jorna) para fora, experiências que fortaleceram a sua ligação à atividade.

Na gestão do rebanho, conta com o apoio essencial da mãe, que trata de toda a burocracia. Pedro ouve com atenção as histórias que lhe contam sobre o passado da família, desde as vacas do avô até à transição para a criação de ovinos, um padrão comum na região. Esse legado alimenta o orgulho que sente pelo rebanho e pelos prémios que os seus animais já ganharam em concursos.

Tal como muitos pastores da região, Pedro é diligente no cuidado com a saúde do rebanho. Embora conte com o apoio dos serviços veterinários, adquiriu competências que lhe permitem tratar problemas como a pieira, utilizando pedilúvios ou produtos tópicos. As boas relações que mantém com os proprietários vizinhos, disponibilizando o estrume da *curriça* ou oferecendo cordeiros no Natal, facilita a circulação do rebanho pelas suas propriedades.

No entanto, enfrenta desafios significativos. Um dos maiores é a falta de apoio da tutela da conservação da natureza para melhorar a *curriça* remota que utiliza durante a safra das castanhas. Esta *curriça* é essencial para afastar o rebanho dos soutos enquanto a colheita decorre, evitando que as ovelhas se alimentem das castanhas. Só após a safra é que o rebanho pode aproveitar o *rebusco* — as castanhas que ficam no chão — e as bolotas dos carvalhos, que enriquecem a dieta variada das ovelhas. Apesar destas dificuldades, Pedro nunca teve problemas com o lobo, um predador que não tem afetado o seu rebanho.

Outro entrave que o preocupa é a desconsideração dos matos e *touças* nos pagamentos das superfícies forrageiras. Estas áreas são fundamentais em certas épocas do ano, fornecendo uma alternativa alimentar natural e sustentável para o



rebanho. Pedro reconhece o valor ecológico das ovelhas Churra Galega, uma raça que se adapta bem à diversidade de opções herbáceas e arbustivas disponíveis no território.

As jornadas mais remotas, como durante a safra da castanha, podem ser solitárias, mas Pedro encontra nas redes sociais um alívio, sobretudo agora que a cobertura de telemóvel foi reforçada. Valoriza também o apoio do seu grupo de pastores locais, com quem partilha tarefas como a tosquia e a troca de reprodutores, transformando estes dias de entreatada em momentos de convivência e solidariedade.

Pedro espera que no futuro surjam soluções que lhe permitam desfrutar de dias sem o rebanho. Por enquanto, dedica-se de corpo e alma à pastorícia, equilibrando formas de fazer do passado e inovação, e contribuindo para a preservação de uma atividade que é parte integrante da identidade de Fontes Transbaceiro e do território rural transmontano.

ANTERO, de 36 anos, é o pastor de Rio de Fornos (Vinhais) cuja ligação aos animais e à natureza moldou não apenas a sua profissão, mas também a sua vida familiar e social. Começou cedo, aos 16 anos, cuidando logo de um pequeno grupo de 40 ovelhas, além de galinhas e porcos, algo inédito na sua família. Embora um seu avô tivesse criado vacas, Antero é o primeiro pastor da família. Os pais e os irmãos nunca tiveram ligação à agricultura ou à pecuária, mas ele encontrou no pastoreio a “*calma da natureza*”, um espaço de paz e propósito de que não abdica.

Começou a atividade de forma mais estruturada há 12 anos, com 110 ovelhas, que hoje já ultrapassam as 210. Este número é, segundo ele, o ideal para assegurar o cuidado e a atenção individual que os animais merecem. O seu território de pastoreio tem vindo continuamente a ser expandido, e inclui já mais duas *curriças* no termo vizinho de Travanca, que se somam à principal em Rio de Fornos. Os terrenos de Antero proporcionam alimento para o rebanho durante três meses do ano, e no restante período ele recorre ao sistema de compáscuo, pastoreando nas terras do termo, solicitado que é para enriquecer ecologicamente e melhorar a produtividade do solo. Para além das pastagens e das forragens, sabe o quanto as suas ovelhas apreciam as *touças* de carvalho-negral, cujas bolotas são muitas vezes preferidas até às castanhas dos soutos, na diversidade de recursos que o rebanho pode selecionar para se alimentar.

Antero tem um enorme orgulho no seu rebanho, que tem uma das maiores percentagens de ovelhas da raça Churra Galega Bragançana Branca registadas no livro genealógico da raça. Essa dedicação ao melhoramento genético e à gestão sustentável fez com que se tornasse um exemplo de tenacidade e inovação entre os pastores locais. É membro ativo da associação de criadores ACOB, onde assumiu responsabilidades na direção, contribuindo para o desenvolvimento da atividade. A desvalorização da lã, uma realidade que impacta o setor, levou Antero a gradualmente



ir escolhendo as ovelhas que produzem menos lã para renovar o rebanho, reduzindo assim o trabalho e os custos com a tosquia. Por outro lado, o aumento da valorização da carne de cordeiro nos últimos tempos trouxe-lhe maior motivação e satisfação com a atividade.

O cuidado apurado com o rebanho não o desvia da atenção que a fauna selvagem de um parque natural requer, e Antero é muito consciente da convivência com o lobo. Já perdeu um cordeiro para o predador e, em maio passado, observou, no mesmo local e dia, sete lobos, algo que reforçou a sua atenção e respeito pela espécie. Por isso, a sua principal *curriça* está equipada com câmaras de vigilância, e ele conta com o auxílio de cães de gado da Serra da Estrela, aos quais reconhece um olfato superior aos Transmontanos, que juntos vigiam o território de pastoreio do seu rebanho.

A pastorícia é um projeto conjunto de Antero e Catarina, que decidiram abraçar a vida rural. Catarina, apesar de ter vivido toda a sua vida em Lisboa, tem raízes familiares na aldeia e decidiu embarcar nesta jornada ao lado do marido. Juntos, têm uma filha de quatro anos, Isaura, que já acompanha os pais nas tarefas do rebanho antes de Antero partir para a sua jornada de pastoreio. Catarina assume um papel fundamental, dividindo-se entre tarefas burocráticas e logísticas no dia a dia.

Além do rebanho, a família tem a seu cargo familiares idosos, algo que a flexibilidade da atividade pastoral permite. Antero valoriza a coesão que esta vida proporciona à família, reforçando o seu compromisso com a pastorícia. Para ele, mudar de vida é impensável, entendendo que só deixará o pastoreio no dia em que faltar o precioso apoio da esposa. Por agora, Antero continua a dedicar-se de corpo e alma ao trabalho que ama, equilibrando tradição, inovação e sustentabilidade.

DUARTE, com 42 anos, não é o pastor principal da família — esse papel cabe ao seu pai (Armando), mas substitui-o sempre que necessário, e fá-lo com todo o prazer. O seu apego aos caprinos, em particular à raça Preta de Montesinho, é profundo, assim como a ligação ao rebanho familiar, que inclui 160 cabras dessa raça e 60 ovelhas da raça Churra Galega Bragançana, na sua variante Preta. Desde cedo, Duarte mostrou afinidade com a pastorícia. Aos 15 anos, pouco depois de deixar os estudos, já tinha uma cabrada com quase 80 cabeças, de que teve de prescindir quando foi trabalhar para a construção civil. Isso obrigou-o a reduzir e substituir o rebanho, que passou a 18 ovelhas, número que mais tarde cresceu para 37, quando o pai, funcionário da Junta de Freguesia, assumiu o maneio do rebanho, também movido pelo seu próprio apego aos pequenos ruminantes. Apesar de uma infância marcada por dificuldades e sacrifícios associados a esta atividade, nunca perdeu o gosto por criar animais, tornando o rebanho um verdadeiro ponto de honra para a família, e é com orgulho que Duarte vê o mesmo gosto no seu filho de 9 anos quando o acompanha nesta tarefa.

O rebanho familiar é gerido com dedicação e cuidado, não só para a venda de cabritos e cordeiros, mas também para o aproveitamento caseiro do leite no fabrico de queijo, feito pela mãe de Duarte. Esse equilíbrio e autossuficiência é um orgulho para a família. Duarte não hesita em dizer que seguiria esta vida em exclusivo, caso fosse suficientemente rentável.

O seu amor pela pastorícia é evidente, sobretudo no carinho com que recorda os traços considerados no passado como característicos das cabras Pretas de Montesinho — orelhas grandes e focinhos ruços —, caracteres que hoje já não são considerados no livro genealógico da raça, mas que ele admira e guarda na memória.



A experiência de Duarte tornou-o conhecedor das exigências e desafios do manejo. Sabe que uma amamentação adequada é essencial para evitar a mortalidade dos cabritos e reconhece a importância de prevenir doenças para reduzir a necessidade, onerosa e por vezes complicada, de recorrer aos serviços veterinários. Também compreende o valor dos cruzamentos estratégicos para aumentar a produção leiteira e reforçar a rusticidade do rebanho através da troca de machos.

No entanto, o maior desafio de Duarte é a questão económica. O monopólio na procura de cabritos e cordeiros limita a sua capacidade de negociar preços justos, levando a vendas que não refletem o verdadeiro valor dos seus animais. Pensando em alternativas, ele aproveitou uma formação em transporte de animais vivos, proporcionada pela agência de desenvolvimento local, com o sonho de um dia comercializar diretamente os seus produtos. Um dos seus objetivos é fornecer carne para o restaurante da irmã, maximizando o valor do rebanho e completando o ciclo “do prado ao prato”.

Se tivesse de optar por apenas uma raça, Duarte escolhia as Pretas de Montesinho, mesmo reconhecendo que estas exigem mais trabalho na *loja* (estábulo), são mais suscetíveis a doenças do que as ovelhas e que as novas plantações dificultam as jornadas de pastoreio. Para ele, o apego aos caprinos e o prazer que sente ao conduzir o rebanho superam qualquer desafio.

A paixão pela pastorícia de Duarte persiste mesmo face às dificuldades económicas e logísticas. No apoio à família, especialmente ao pai, ele contribuiu também para manter viva a tradição do manejo de pequenos ruminantes, sonhando com um futuro onde a valorização da sua produção permita alcançar um equilíbrio perfeito entre trabalho, sustentabilidade e rendimento.

EM TOM DE CONCLUSÃO

Os relatos apresentados demonstram que a pastorícia no PNM não está a desaparecer. Longe disso, mantém-se viva e relevante, suportada por protagonistas que possuem o mais importante: um profundo apego à atividade e um vínculo indelével à paisagem. Estes pastores e pastoras não só valorizam as jornadas intermináveis em comunhão com a terra, como também nutrem uma relação muito próxima e uma ligação emotiva com as suas cabras e ovelhas que conduzem pelo território com dedicação. A sua prática diária transforma-se numa afirmação de resistência, uma escolha consciente de viver em harmonia com a natureza, assegurando a sustentabilidade e contribuindo para a preservação do património cultural e identitário desta região.

As vivências de Armindo e Arminda, Adriano e Vera, João e Paula, Humberto e Marina, Manuel e Irene, Ramiro, Miguel e Marlene, Alberto e Alice, André e Sara, Pedro, Antero e Catarina, e Duarte, a que tentámos dar voz, evidenciam que a pastorícia não é apenas uma herança do passado, mas um modo de vida que continua a reinventar-se. Cada um deles, com as suas especificidades e desafios, demonstra como a relação com o território e com os animais ultrapassa o mero pragmatismo económico. Este compromisso não apenas mantém a biodiversidade e a integridade dos ecossistemas, como também reconfigura as dinâmicas sociais e culturais das suas comunidades, oferecendo soluções locais para problemas globais.

No entanto, para que a silvopastorícia floresça e se fortaleça, é essencial que os decisores políticos reconheçam a centralidade dos pastores e das suas famílias no futuro da atividade. Nenhuma medida para o desenvolvimento da pastorícia poderá ter sucesso se não incorporar os contributos dos produtores, os seus saberes acumulados e as suas aspirações. É determinante que as políticas públicas deixem de ser percecionadas como distantes ou repressivas, e passem a ser vistas como aliadas dos atores locais, criando condições para a valorização do seu trabalho e para a resolução das dificuldades que enfrentam.

Apoiar a pastorícia não é apenas uma questão de regulamentação ou subsídios; é, acima de tudo, reconhecer o papel fundamental dos pastores como guardiões de um modelo de desenvolvimento que equilibra sustentabilidade económica, conservação da natureza e riqueza patrimonial. É necessário escutá-los, compreender os seus desafios e apostar nas suas soluções para garantir que esta prática ancestral continue a ser uma peça-chave do equilíbrio ecológico do Parque Natural de Montesinho e um exemplo inspirador para outras regiões.



ISBN 978-989-35508-5-4



9 789893 550854